

## Subjetividade e educação musical: uma reflexão a partir da filosofia

### *Subjectivity and Music education: a philosophic reflection*

*Palavras-chave: Subjetividade; Educação Musical; Modernidade.*

*Keywords: Subjectivity; Music Education; Modern Age.*

Rita Helena Sousa Ferreira Gomes  
Universidade Federal do Ceará  
ritahelenagomes@gmail.com

Partindo de elementos obtidos através de pesquisa bibliográfica realizada durante pós doutorado com apoio da CAPES, o trabalho ora apresentado tem como finalidade fornecer dados filosóficos para incrementar as teorias e práticas vinculadas ao campo da educação musical. Este intuito, contudo, só pode ser alcançado se formos capazes de desafiar o olhar superficial, chacoalhando aquilo que parece bem assentado e já resolvido. Neste sentido, convido a vislumbrar de forma mais complexa a afirmação de que na Modernidade ocorre o surgimento da subjetividade, sendo nesta que pautarei minhas propostas de aproximação com o campo da educação musical.

Por volta do século XVII, a questão do sujeito tornou-se central. Nas fundações da filosofia de Descartes, o mais influente dos pensadores do início da Modernidade, o sujeito é a base pela qual toda metafísica se sustenta. Apesar de não negar isso, minha tese é que o sujeito da filosofia moderna é restringido em sua característica mais essencial: a subjetividade.

Subjetividade é entendida aqui como aquilo que remete à unicidade do sujeito, apontando para sua história, contexto, relações com outros sujeitos/coisas/lugares/tempo. Dentro desta perspectiva, no entanto, somos surpreendidos ao notar que na Modernidade a noção de sujeito nasce a partir da negação dessas qualidades. O sujeito emerge, por assim dizer, espelhando um objeto.

Em Descartes (1911, p. 101), o “Eu” é uma alma apartada do mundo material. O corpo não compõe o sujeito ou, pelo menos, não é parte essencial deste. Sem o corpo, o sujeito perde aquilo que o faz único e complexo. Sem o corpo, toda particularidade é evitada em nome de um objetivo maior: a verdade universal. Assim, a pedra angular lançada por Descartes para garantir a solidez do prédio da ciência se ergue às custas da dissolução da subjetividade do sujeito. Não é surpreendente, então, que a lógica moderno-contemporânea valorize a matemática e a geometria, afinal as quantidades são mais confiáveis que as qualidades. As qualidades, como Descartes bem sintetizou em suas obras, se associam à obscuridade e, por isso, devem, na medida do possível ser evitadas (DESCARTES, 1911, p. 191).

De modo análogo ao que Ingold (2007, p. 151) revela sobre a linha, a saber: “Totalmente linearizada, a linha deixa de ser o traço de um gesto e torna-se uma conexão de ponto

-a-ponto. A linearização, em resumo, marca não o nascimento, mas a morte da linha” (Tradução Livre); a emergência da subjetividade é também a marca de sua morte. Esse paradoxo vincula-se ao reconhecimento dos intelectuais modernos pela subjetividade que os levou a tomá-la como algo fixo, fazendo dela um objeto de conhecimento. Todavia, no modelo de conhecimento exaltado pelos modernos e contemporâneos o objeto precisa ser “paralisado” para ser estudado. A linearização do conhecimento anuncia o florescimento paradoxal do reconhecimento e do silenciamento do sujeito.

Dito isso, é preciso então, dar um passo maior e compreender que relações essas reflexões epistemológicas podem ter para a estética e para a educação musical. Para tanto, é preciso, primeiramente, reconhecer que há um efeito prejudicial dessa visão de mundo para com a estética e as artes, haja vista suas características fundamentais abarcarem a multiplicidade, o contexto, a história, os sentidos e significações.

Há uma conexão, pois, entre a desvalorização das artes, estas são consideradas menores quando em comparação com as ciências, e a reificação da subjetividade.

Todavia, a adesão à lógica moderna não se faz à revelia dos que compõe e atuam no campo das artes (cf. GOMES, 2015). Assim como todos os demais, também os artistas e arte educadores estão complexamente envolvidos na contemporaneidade e, por isso mesmo, torna-se difícil, por vezes, postar-se criticamente frente a ela.

Na educação musical, particularmente, a associação entre conhecimento claro e evidente e negação da subjetividade mostra-se na primazia do caráter técnico da música no ensino nas salas de aula. Não raro, a criatividade e expressão artísticas tem perdido espaço para atividades de transmissão de conhecimento formal e reflexivo que suprimem aquilo que é da ordem da sensibilidade (DUARTE Jr., 2010, p. 189). Contudo, a dimensão da subjetividade tem íntima relação com aquilo que tradicionalmente vinculamos à sensibilidade. A subjetividade como expressão da unicidade do indivíduo se organiza na e pela concretude do mundo cotidiano dos sentidos.

Portanto, se a estética e as artes são abrigo indubitável para o sensível, é necessário que se assumam também como abrigo para a subjetividade. A educação musical volta-se para a subjetividade quando revela na sala de aula a música como um saber que perpassa o mundo conceitual, mas não se restringe a ele e nem se preocupa em atender suas regras estritas. Um saber que exige daqueles que com que ele se envolvem (artistas e público) uma mobilização como seres integrais. Nesta perspectiva, a música passa a ser fornecedora de elementos que nos permitem perceber o mundo (aquilo que ela ‘retrata’ ou toma como tema) e ressignificá-lo, misturando nosso olhar com outros olhares de modo inextricável. Uma educação musical assim, desvela a arte como um modo de conhecer/sentir/agir (n) a realidade. Ao convocar os sujeitos a completá-la, a (re)posicionarem-se ativamente diante do tema proposto na obra, a música os toma em sua inteireza, permitindo também que suas ‘respostas’ (seu posicionamento a partir do trazido pela obra de arte) sejam complexas, ou seja, intelectuais, sentimentais, éticas e políticas.

Investir numa educação musical que permita a manifestação e a constante reinvenção dos sujeitos é uma tarefa de criação de possibilidades ao mundo contemporâneo.

## Referências

- DESCARTES, R. *The philosophical works of Descartes* (Vol I). Trad. Elizabeth S. Haldane; G.R.T. Ross. Cambridge: Cambridge University Press, 1911.
- DUARTE JR., J.F. *O sentido dos sentidos: a educação do sensível*. 5. ed. Curitiba: Criar edições, 2010.
- GOMES, R.H.S.F. “Convite à perversão”. *Opus*, v. 21, n. 1, p. 101-118, jun. 2015.
- INGOLD, T. *Lines: a brief history*. Oxon: Routledge, 2007.

